

Luiz Francisco Rebello

A DESOBEDIÊNCIA

Campo do Teatro



A DESOBEDIÊNCIA

Autor: Luiz Francisco Rebello

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

Ilustração da capa: Joana Quental

© CAMPO DAS LETRAS - Editores, S.A., 1998

Rua de D. Manuel II 33 5º S-54 4050 Porto

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. - V. N. de Famalicão

1ª edição: Junho de 1998

Depósito legal: 124665/98

ISBN 972-610-085-2

Código de barras: 9789726100850

Colecção: Campo do Teatro - 1

LUIZ FRANCISCO REBELLO

A Desobediência

PEÇA EM 3 ACTOS,
1 PRÓLOGO E 1 EPÍLOGO



Personagens

ARISTIDES DE SOUSA MENDES, cônsul-geral em Bordéus
ANDRÉE, sua amante
ANGELINA, sua mulher
ISABEL, sua filha
JOSÉ, seu filho
JULES, seu genro

DR. KRUGER, rabino ortodoxo
DR. ARNOLD WIZNITZLER, professor universitário
HELGA SCHMOLL-MEYER, violinista

PROF. OLIVEIRA SALAZAR, ministro dos Negócios Estrangeiros
e chefe do Governo

DR. LUÍS DE SAMPAIO, secretário-geral do Ministério
CAPITÃO AGOSTINHO LOURENÇO, director da Polícia de
Vigilância e Defesa do Estado

DR. TEOTÓNIO PEREIRA, embaixador em Madrid
DR. JOSÉ SEABRA, secretário do Consulado em Bordéus
DR. VIEIRA BRAGA, vice-cônsul em Bayonne

UM FUNCIONÁRIO do Consulado de Bayonne
UM CHEFE DE BRIGADA da P.V.D.E.
UM AGENTE da P.V.D.E.
OUTRO AGENTE da P.V.D.E.
UM CRIADO e CLIENTES do café
UM CEGO que toca violino

Tempo e lugares da acção

PRÓLOGO — Lisboa, fim de Junho de 1940. O gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros e chefe do Governo.

1.^o ACTO — Bordéus, Novembro de 1939. O Consulado de Portugal.

2.^o ACTO — Bordéus, Junho de 1940. Mesmo lugar do anterior.

3.^o ACTO — Bayonne, Junho de 1940. O Consulado de Portugal.

EPÍLOGO — Lisboa, Outono de 1940. A esplanada de um café.

A acção deve ser contínua. Entre o 1.^o e o 2.^o actos, e entre este último e o 3.^o, sem prejuízo das indicações constantes das respectivas rubricas, poderá haver projecções de imagens do êxodo e dos bombardeamentos de Junho de 1940.

Prólogo

Salazar recebe no seu gabinete de trabalho, em São Bento, o secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Luís de Sampaio. Junho de 1940.

É evidente a irritação de Salazar. Em todo este quadro, o seu tom oscila entre a secura, a rigidez e a irritação. De seu lado, o temor reverencial de Sampaio perante Salazar manifesta-se ora sob a forma de um rasteiro servilismo, ora de uma prepotente sobrançeria em relação aos que lhe são subordinados.

SALAZAR: É intolerável! Intolerável! Como é que o senhor deixou chegar as coisas a este ponto sem tomar providências?

SAMPAIO: A falta de informações, senhor presidente... *(Muito embaraçado)* Além disso, as dificuldades de comunicação com a França nestes últimos dias...

SALAZAR: A falta de informações!... Um bom governante tem sempre informadores em todo o lado. Até no Inferno, se for preciso! Sobretudo no Inferno, que é onde eles são mais úteis... *(Mudando de tom)* Aliás, o senhor devia estar de sobreaviso. Não é a primeira vez que o Ministério tem problemas com esse cônsul de Bordéus.

SAMPAIO: Sem dúvida... E eu adverti-o! Ainda não há dois meses o dr. Sousa Mendes passou um visto de trânsito a um médico republicano espanhol exilado em França, um indesejável!, sem esperar pela autorização...

SALAZAR (*atalhando*): Que lhe seria necessariamente negada!

SAMPAIO: Como foi! Mas tarde de mais. O homem já tinha embarcado para Lisboa com a família e, quando aqui chegou, deixámo-lo tomar nesse mesmo dia ou um dia depois outro barco para a América do Sul. E eu officiei ao cônsul dizendo que, se o caso voltasse a repetir-se, ser-lhe-ia instaurado um processo disciplinar. Os termos eram categóricos, acreditei que servissem de emenda...

SALAZAR (*friamente*): Mas não serviram, como se está a ver.

SAMPAIO: Infelizmente. Por isso ordenei que se procedesse de imediato a averiguações para apurar se outros vistos tinham sido dados, e em que condições...

SALAZAR: E não se apurou coisa nenhuma! Foi preciso um memorando da Embaixada de Inglaterra para se tomar conhecimento oficial das irregularidades que estavam a ser praticadas em Bordéus! Para que as suas suspeitas, dr. Sampaio, se transformassem em certezas!

SAMPAIO (*balbuciente*): Chegavam-nos notícias descontraídas... Depois da queda de Paris e da rendição da França, a confusão era total... O telefone e o telégrafo funcionavam muito irregularmente...

SALAZAR: E, entretanto, o cônsul ganhava tempo e prosseguia na sua actuação insubordinada, desprestigiante para o

nosso país, sobretudo nas actuais circunstâncias. Certamente com a cumplicidade do restante pessoal da missão e quem sabe se até aqui, dentro do Ministério...

SAMPAIO (*visivelmente em pânico*): Senhor presidente, o meu patriotismo...

SALAZAR: Ninguém põe em dúvida o seu patriotismo, dr. Sampaio. Mas em política os sentimentos e as intenções importam muito pouco. O que conta são os resultados. Os resultados, e mais nada! Portugal é um país neutro. Não podemos fazer o que quer que seja que pareça favorecer ou prejudicar uma das partes em conflito. E a concessão não autorizada de vistos pode ser interpretada pelo Governo alemão como um acto de hostilidade. Além dos problemas que nos pode trazer com a Espanha. (*ante o acabrunhamento de Sampaio*) O senhor é o secretário-geral do Ministério, mas o ministro — e o presidente do Conselho de Ministros — sou eu. É sobre mim que recai o peso todo da responsabilidade. Perante o país, o Mundo... e até perante a História. (*Pausa; mudança de tom*) A partir de quando começou a situação a agravar-se no consulado?

SAMPAIO (*tentando recompor-se*): Há cerca de uma semana... Logo após a entrada do exército alemão em França... Em Bordéus, e parece também, nos últimos dias, que em Bayonne e Hendaye, junto à fronteira espanhola...

SALAZAR (*secamente*): Eu sei geografia. Não gosto de viajar, mas sei de geografia. (*Noutro tom*) E quantos vistos terão sido passados nessas condições?

SAMPAIO: Ao certo, ao certo, não se sabe... Centenas, algumas centenas... (*A um olhar severo de Salazar*) Talvez mesmo milhares...

SALAZAR: Milhares! E só agora é que os serviços do Ministério começaram a agir! Agora, que essa gentinha toda vem já por aí fora! Sim, porque a Espanha não vai impedir-lhes a passagem, antes pelo contrário! Querem lá gente dessa! Uma vez que limparam o país dessa escumalha, hão-de querer ver-se livres deles o mais depressa possível!

SAMPAIO (*timidamente*): No entanto, se os vistos são ilegais...

SALAZAR: Para nós! Para nós, porque contrariam ordens expressas, instruções precisas do Governo. Mas foram dados em nome do Estado português, à luz do direito internacional obrigam-nos.

SAMPAIO: São vistos de trânsito apenas... Não dão direito a permanecer em território português. O destino deles é o Norte de África, os Estados Unidos...

SALAZAR: Eu sei. Mas se não puderem embarcar imediatamente — e o senhor sabe bem as dificuldades que há neste momento! —, o que é que fazemos? Atiramo-los ao mar? Devolvemo-los à procedência?

SAMPAIO: Durante a guerra civil espanhola, foi o que fizemos.

SALAZAR: As circunstâncias eram completamente diferentes, o senhor sabe isso muito bem. Eram foragidos, muitos deles, quase todos, indocumentados, podíamos à vontade recambiá-los, a polícia espanhola e a Falange até nos agradeciam! O que depois pudesse acontecer-lhes já não nos dizia respeito. Não se podem comparar as duas situações. (*Silêncio embaraçado de Sampaio. Salazar em tom irónico*) Que solução propõe então o senhor secretário-geral?

SAMPAIO: Vigiá-los, enquanto aqui estiverem... Temos, graças a Deus, uma polícia eficaz...

SALAZAR: Mas são milhares! Milhares, não foi o que disse? Criaturas com ideias e costumes diferentes dos nossos, que vão necessariamente contaminar a nossa boa gente... Além de que a polícia já tem bastante com que se ocupar cá dentro. Há inimigos em todo o lado. E agora desaba-nos aí essa enxurrada... (*Noutro tom*) Mas fez bem em lembrar-me a polícia. Faça o favor de ver se já está aí fora o senhor capitão Agostinho Lourenço, que eu mandei convocar precisamente por causa deste malfadado assunto.

SAMPAIO (*solícito, dirige-se à porta do gabinete, que abre, espreita para fora e faz um aceno a alguém ainda invisível; voltando-se depois para Salazar*): O senhor capitão já chegou.

SALAZAR: Diga-lhe então que pode entrar.

SAMPAIO: Senhor capitão... (*Entra o capitão Agostinho Lourenço, director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Modos bruscos, rudeza militar. Cumprimenta Sampaio e dirige-se a Salazar*)

AGOSTINHO LOURENÇO: Senhor presidente, é como sempre uma honra...

SALAZAR: Deixe os cumprimentos para outra ocasião. Temos negócios urgentes e graves a tratar. (*A Sampaio, que ficou junto à porta e faz menção de sair*) O senhor secretário pode ficar. É conveniente que haja uma perfeita coordenação entre os serviços do Ministério e a polícia. Queiram sentar-se, meus senhores. (*Os dois homens sentam-se*) Como decerto saberá, mandei chamá-lo, senhor capitão, por causa dos vis-

tos concedidos pelo nosso cônsul em Bordéus, o dr. Aristides de Sousa Mendes...

AGOSTINHO LOURENÇO: Um caso lamentável, senhor presidente. Por mais de uma vez, tivemos de prender na fronteira cidadãos de várias nacionalidades — belgas, polacos, luxemburgueses — que se apresentavam com vistos não autorizados emitidos por esse cônsul. Chegámos até a detectar um caso de falsificação de passaportes!

SALAZAR: Sabia disto, dr. Sampaio?!

SAMPAIO: Das prisões, sim. Dos passaportes, é a primeira vez que ouço... Mas não me espanta.

SALAZAR: Não o espanta?

SAMPAIO: Havia certos antecedentes, embora menos graves, como ainda há pouco Vossa Excelência lembrou... E, além do médico espanhol, soube-se de um professor austríaco para quem a autorização foi pedida já depois de o visto ter sido passado... Mas agora é evidente que o dr. Sousa Mendes perdeu a cabeça. Quem faz o que ele tem estado a fazer, é capaz de tudo.

AGOSTINHO LOURENÇO: E, no entanto, nada deixava prever que o fizesse. Monárquico, profundamente católico, conservador... Nos arquivos da polícia nada consta em seu desabono. Pelo contrário: até está referenciado como adepto da situação.

SAMPAIO: Já o mesmo não direi em relação ao Ministério. Em trinta anos de carreira, vários processos disciplinares por abandono do posto e outras irregularidades, repreensões e censuras...

SALAZAR (*friamente, para Lourenço*): Precisa de actualizar os seus ficheiros, senhor capitão. (*Pausa; noutro tom*) Conheço bem a família Sousa Mendes. Somos da mesma região, o irmão César foi ministro dos Negócios Estrangeiros no meu primeiro governo. (*Voltando-se para Sampaio*) Sei que teve alguns atritos consigo, dr. Sampaio... Comigo também, aliás. Tive de o demitir. Mas era gente honesta, temente a Deus, fiel ao regime... Não sei o que se terá passado com eles para isto acontecer. (*Num suspiro*) Esta guerra veio dividir ainda mais os portugueses!

AGOSTINHO LOURENÇO: Quando ela acabar, vai ser preciso reparar os estragos. Teremos que ser inflexíveis...

SAMPAIO: A guerra já não pode durar muito. O colapso da França está a precipitar os acontecimentos. E não era sem tempo que a Europa tomasse outro rumo!

SALAZAR: Por isso mesmo é que se torna imperioso aplicar imediatamente medidas drásticas e rigorosas na fronteira francesa. Impedir que essa gente indesejável — judeus, comunistas, intelectuais degenerados, políticos corruptos, o rebotallo da democracia! — continue a vir por aí abaixo. Imaginem os senhores o que aconteceria se o exército alemão, para deter essa enxurrada, resolvesse invadir a península! Eu sei que em Espanha, e aqui também (*Um olhar para Sampaio, que desvia o seu*), não falta quem estivesse de acordo com isso. Mas seria o fim da nossa neutralidade e, pior talvez, da nossa independência. Vejam os senhores a situação terrível em que nos encontramos!

AGOSTINHO LOURENÇO: Vossa Excelência dirá o que devemos fazer.

SALAZAR: Não temos sequer um minuto a perder. Deixaram-se as coisas ir longe de mais. O senhor capitão